

***Esquilos de Pavlov* ou os abismos de um artista contemporâneo**

Davi Santana de Lara¹

ERBER, Laura. **Esquilos de Pavlov**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

"Era uma vez um artista contemporâneo e os abismos que ele arrastava por onde ia" (p. 16). É com essas palavras que Ciprian Momolesco, protagonista do romance *Esquilos de Pavlov*, se apresenta ao leitor. Ciprian Momolesco é um artista romeno que vive de bolsas e residências artísticas ao redor da Europa e cuja vida nos é contada por ele mesmo neste relato que o próprio chama, ironicamente, de "ficção de origem", algo como um romance de formação contemporâneo. *Esquilos de Pavlov*, o romance de estreia da escritora carioca Laura Erber, usa, assim, da figura desse melancólico artista romeno, que está sempre em companhia do seu gato Li Po, para focalizar o universo da arte contemporânea "C um universo que vem ganhado cada vez mais espaço na imaginação de importantes romancistas, como Roberto Bolaño, Enrique Vila-Matas e Don Delillo, para citar alguns nomes.

No caso específico de Laura Erber a arte contemporânea é vista com olhos meio cínicos, meio desiludidos, e por meio de um forte filtro de melancolia. A história de como Ciprian Momolesco se tornou um artista contemporâneo é bom exemplo desse tom. Ele havia abandonado o curso de artes e estava trabalhando numa biblioteca quando ele é definitivamente inserido no circuito artístico contemporâneo. Em suas palavras: "A maioria das pessoas nunca teria visto arte se não conhecesse essa palavra. Em 1986 comecei a fazer coisas que por inércia ou por petulância receberam esse nome. Uma curadora da Lubiana disse *estupendo estupendo* e foi fogo se alastrando" (p. 54). Assim, desde sua origem, a sua condição de artista combina, numa mistura homogênea, um impulso criativo interno e desinteressado com o olhar institucional que vem de fora e que traz o selo do vazio e da pretensão intelectuais.

Não é algo que passou despercebido à crítica que a ficção brasileira contemporânea possui uma tendência em ultrapassar as fronteiras nacionais e explorar

1

Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Literatura e Cultura da UFBA.

territórios estranhos. Logo, uma das perguntas de entrada que quero fazer a respeito do romance de Laura Erber é: por que um artista romeno? Por que a Romênia? Do pouco que se sabe, supõe-se que as relações de Laura Erber com esse país são íntimas. Ela é autora de um livro sobre o poeta romeno Ghérasim Luca (Eduerj, 2012; Coleção Ciranda da Poesia). E em seu conto, “Aquele vento na praça”, que integra o número nove da revista *Granta* (Objetiva, 2012), novamente se vê a presença da Romênia e artistas romenos. Mas essas informações não entram no mérito da questão. Mais importante é identificar as consequências estéticas e os núcleos de sentidos possíveis que derivam desta escolha em *Esquilos de Pavlov*. Ora, sem esquecer o enfoque central na arte contemporânea, pode-se dizer que o ambiente da Polônia “C que viveu sob um regime ditatorial durante a segunda metade do século XX e só em 1989 iniciou o processo de abertura democrática” estabelece uma relação entre as possibilidades de condições de existência da arte conceitual e o avanço do liberalismo e da democracia. Com efeito, as relações entre liberdade artística, as arbitrariedades das curadorias e a presença paradoxal do mercado no circuito artístico é mote explorado no livro. Aparece, por exemplo, no longo discurso de Ulrikka Pavlov, coordenadora de uma residência artística em Copenhagen.

Ainda dentro desta questão, é interessante notar a oposição entre Ciprian e o personagem do seu pai, Spiru Momolesco, um homem com uma história trágica de abnegação. Quando jovem, Spiru manteve relações com artistas surrealista franceses, mas na maturidade se tornou o autor das historinhas infantis com fins edificantes do *ursinho metalúrgico*. Spiru Momolesco seria uma personagem bastante triste, exemplo da total absorção das subjetividades por um meio hostil, se tivesse apenas esses atributos. Porém, a sua figura é enriquecida pelas relações subterrâneas, só reveladas postumamente, que ele mantinha com a maçonaria. Serão essas relações que, anos depois de sua morte, irão garantir a segurança de Ciprian quando ele é preso em Copenhagen sob suspeitas de ser um traficante e, indo de encontro ao desejo do pai que não aprovava a sua carreira de artista, o ajudam a se manter em atividade quando a fonte de ouro das bolsas e residências enfim cessa.

Um ponto importante a ser destacado é que *Esquilos de Pavlov* não apenas tematiza a arte contemporânea como ele incorpora alguns elementos formais característicos da contemporaneidade. Dentre eles, o mais destacado é a inserção de

fotografias ao longo do livro (a maioria delas do acervo pessoal da autora) e cuja função não é ilustrar o texto, mas enriquecê-lo. Esse recurso aumenta a autonomia do leitor, que pode fazer livres associações, usufruindo da maior flexibilidade interpretativa que as imagens propiciam. Talvez não seja ocioso dar um exemplo pessoal: na página 23 vê-se uma fotografia (arquivo da autora) de uns brinquedos infantis em formato de minhocas gigantes apoiadas sobre molas em um parque vazio feitos para crianças montarem neles. É difícil estabelecer uma relação com o contexto em que ela está inserida, a não ser que esta parte do livro seja dedicada à infância de Ciprian Momolesco. Contudo, a sua infância é brutalmente marcada pela falta de brincadeiras e momentos lúdicos com outras crianças. Algumas páginas adiante, Ciprian já está inserido no circuito da arte trabalhando como assistente de um escultor suíço que fazia "esculturas enormes, coloridas, cingidamente alegres, e não me espantaria se as visse em parques infantis" (p. 59), que lembram bastante os brinquedos da fotografia da página 23. Com esse exemplo pessoal de uma impressão de leitura quero destacar que as associações possíveis entre texto e imagens são muitas e imprevisíveis.

O estilo da prosa de Erber é simples, em contraste com as técnicas narrativas, que são complexas. Esse contraste produz um efeito estético interessante, que mesmo quando quebra a linearidade do tempo ou mistura diferentes registros (como a poesia, excertos de outros livros ou discursos), preza pela inteligibilidade do texto. Por outro lado, a dicção excessivamente limpa de Erber, ao invés de passar a ideia de fluidez narrativa, produz, em certas passagens, o efeito contrário de artificialidade. O que denuncia talvez um trabalho excessivo de revisão do texto em busca da frase mais direta, da sintaxe mais familiar e da expressão mais precisa. Outro ponto que essa linguagem impessoal suscita é que ela contrasta com o tipo de linguagem que normalmente é utilizada em romance de formação, em que é comum que o narrador se envolva passionalmente com a história da sua vida. Em *Esquilos de Pavlov*, no entanto, essa impessoalidade do estilo acaba ressaltando, dentre outras coisas, a autoconsciência artística do narrador.

Lembremos que o trabalho de Ciprian Momolesco está intimamente ligado à literatura. Sua obra consiste em fazer pequenas intervenções no acervo das bibliotecas, reordenando livros de acordo com critérios inusuais. Com isso, percebe-se o cuidado de Laura Erber em criar um narrador que tem, como ela, consciência de que o modo de se

contar uma história modifica a própria coisa que se quer contar. Não é à-toa que, para designar o gênero do seu livro, em lugar do mais famoso “romance de formação”, Ciprian Momolesco prefere o "ficção de origem", termo que dá destaque ao caráter formal e artificioso das memórias e autobiografias. Por meio da criação desse narrador autoconsciente, Laura Erber constrói uma obra inquieta, em que se sente o afã de experimentar diversas técnicas narrativas. Assim, no que diz respeito aos diversos níveis de formalização do romance (o tempo, o registro, a composição, etc.), *Esquilos de Pavlov* se destaca por ser complementemente assimétrico. Ele pode passar de uma etapa da vida para outra em pequenos fragmentos, num mosaico temporal sem nenhuma lógica de ordenação aparente, para logo em seguida dedicar páginas inteiras a uma história linear, que logo é interrompida por uma passagem brusca de tempo “C e assim por diante.

Também no que diz respeito aos personagens, o romance busca fugir do formato memorialístico autocentrado na figura do memorialista e dedica páginas inteiras a personagens satélites, que acabam ganhando tanta importância para a compreensão da obra com o próprio Ciprian Momolesco. Esse é o caso do gato Li Po, personagem onipresente do livro, que no entanto quase nunca participa das ações. Fica a impressão de que o gato é dotado de uma existência mais simbólica do que concreta. Tanto que, no final do romance, tendo se passado muito mais tempo do que a estimativa de vida comum de um gato, eis que reaparece o gato Li Po, essa espécie de talismã, duplo do caráter artístico de Ciprian Momolesco. Li Po então vive com medo, num estado deplorável de senilidade, numa clara referência à decadência que o próprio protagonista se encontra. "Mas de vez em quando [Li Po] ainda se arrasta pela sala e vai até a janela, se acomoda como pode sobre o parapeito e reage aos outros gatos miando na rua. Meio misterioso." (p. 170).